

" VIDA - SENTIDO ÚNICO "

Moralidade em duas partes e um intervalo

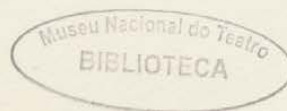
Original

de

COSTA FERREIRA

1975

Doação
Família Horais &
Castro



PERSONAGENS

VOZ DE MULHER	
O ESCRITOR	
1º. INTELECTUAL	
2º. INTELECTUAL	
A CAMPONESA	
CORO DE MULHERES	
CORO DE HOMENS	
A ESPECTADORA	
O PADRE	
O MORIBUNDO (Personagem muda)	
O HOMEM	
O GUIA	
A TURISTA	
O TURISTA	
O EMIGRANTE MAIS VELHO	
O OPERARIO ESTRANGEIRO	

PRIMEIRA PARTE

(No escuro ouve-se uma voz de Mulher.)

VOZ DE MULHER

Eu falo dentro de vocês, que me ouvem, se for preciso, alto e bom som como nos palcos, nas praças, nas ruas. Eu sou a magia do teatro e em nome dela direi hoje aqui tudo que me apetecer e vai apetecer-me dizer tudo que acho certo, que acho justo, que acho bom. Atenção: Eu falei em magia, em magia do teatro, mas não invoquei nenhum espirito sobrenatural. Esta magia é humana, é feita por homens para homens.

(Uma luz ilumina o recanto da biblioteca do escritor. Uma estante cheia de livros, uma mesa ^{cheia} de papeis. O escritor, homem dos seus cinquenta anos, de roupão e chinelas, escreve.)

VOZ GRAVADA DE MULHER

Pela primeira vez na tua vida, tu escreves em liberdade, escritor.

(Pausa. O escritor pára de escrever.)

O ESCRITOR

(Murmurando.) ... Liberdade !...

VOZ GRAVADA DE MULHER

Lembra-te de todas as ideias grandiosas que puseste de parte por não teres liberdade. Agora és livre.

O ESCRITOR

(Mesmo jôgo.) ... livre ...

VOZ

Tem obrigação de escrever ...

O ESCRITOR

Livre !... Com uma obrigação ...

VOZ

Com milhares de obrigações ... os milhares de pessoas que te conhecem,

que acreditaram em ti, que esperaram pela tua obra de homem livre.

O ESCRITOR

(Abatendo-se a chorar.) Não sou capaz. (Pausa.)

VOZ

Porquê ? (Pausa.) Diz porque não és capaz ... (Pausa.)

Antigamente diziam que tu tinhas coragem ... Admiravam a tua coragem quando, apesar de tudo, tu conseguias dizer a verdade ... Qual é a tua verdade agora ? (Pausa.)

O ESCRITOR

Não sei ... Tudo que imagino me parece pobre e inútil, a gente que conheço parece-me desinteressante e vazia ...

VOZ

E no entanto o mundo está cheio de gente que tu não conheces, que tu conheces mal ... Sai de casa ... Tira as chinelas e o roupão ...

(A luz ilumina noutro ponto umas botas cardadas e um capote.)

VOZ

Calça aquelas botas ... põe aquele capote e sai, há muita gente que tu deves conhecer ... Que tu tens obrigação de conhecer ... gente que tem interesse.

(O Escritor passa no escuro para o ponto iluminado onde estão o capote e as botas. Quando acaba de as vestir desaparece a biblioteca.)

VOZ

Sai
~~Será~~ procura o novo. Convince-te a ti próprio que estás a nascer agora, a tua vida passada é apenas uma personagem que tu vais satirizar. Rí-te dela. Tu tinhas humor, serve-te dele contra ti próprio.

(Ilumina-se uma ^{mesa} ~~próva~~ de café onde estão o 1º. e 2º. Intellectual.)

O Escritor aproxima-se deles. Sobre a ^{mesa} ~~próva~~ desce um distico que diz:
" Anos 50 ".)

1º. INTELECTUAL

1º. INTELLECTUAL

Até que enfim te vens ! Não tens aparecido !

2º. INTELLECTUAL

Alguma obra na forja ?

O ESCRITOR

Nunca se sabe se chegamos ao fim. (Para longe.) Uma bica.

1º. INTELLECTUAL

Ora, ora ... Tu todos os anos pões uma peça em cena.

2º. INTELLECTUAL

(Rindo.) Ele recebe encomendas. Escreve por medida como os alfaiates caros.

1º. INTELLECTUAL

(Rindo.) À medida da censura e à medida do talento dos intérpretes que lhe oferecem.

2º. INTELLECTUAL

Já era tempo de escreveres uma obra à tua medida.

O ESCRITOR

E tu sabes qual é a minha medida ? Eu não sei.

1º. INTELLECTUAL

Eu só sei que não caibo nesta terra ... Sou um revoltado, mas não me nego a mim próprio. Os meus poemas são autênticos. Talvez por isso pouca gente os compreende.

2º. INTELLECTUAL

Já foste ao Trindade ver " À Espera de Godot " ?

1º. INTELLECTUAL

Fui, estava às moscas, os burgueses não compreendem a angústia.

2º. INTELLECTUAL

E no entanto a angústia é bem burguesa.

O ESCRITOR

Se os proletários lá fossem também não compreendiam.

1º. INTELLECTUAL

Lá vens tu com o teu pateryalismo. Os proletários o que não compreendem são as tuas peças ~~ordinárias~~ *académicas*.

O ESCRITOR

Talvez. Nunca tive proletários a ver ~~com~~ as minhas peças.

2º. INTELLECTUAL

Mas porque é que tu dizes que os proletários não podem compreender.
" À Espera de Godot " ?

O ESCRITOR

Porque os proletários não podem negar a esperança e " À Espera de Godot " é um desespero total ... A esperança nos anos, cinquenta em Portugal é tão precisa ao povo como o ar que respira. É o único bem que lhe pertence.

(A luz no café vai deminuindo à medida que primeiro, muito ao longe, depois num crescendo lento, se começa a ouvir o hino de Fátima.)

1º. INTELLECTUAL

Mas esperança em quê ?

O ESCRITOR

Escalando-n
(~~Voltando-se~~ *a pouco e pouco*.) Sejaⁿo que for. O povo português já não se pode dar ao luxo de escolher a sua esperança. Só sabe que sofre e não aceita o desespero, porque não quer morrer ... e nós não somos capazes de lhe dar uma esperança digna dele ... Os teus poemas e as minhas peças ficam apenas nas mãos dos burgueses ... E há quem aproveite isso, há quem semeie o terror e a falsa esperança, há quem apague a pouco e pouco as luzes trémulas, longinquas do séc. XVIII. Há quem vá fazendo a pouco e pouco uma nova Idade Média.

(Ecuridão. Coro em toda a sua força. Depois ilumina-se ao centro, ~~a~~ Camponesa de joelhos, toda vestida de negro com um lenço pela cabeça, avança de joelhos até ao primeiro plano rezando. A música

desce.)

A CAMPONESA

Minha Nossa Senhora ... Aceita as minhas dores, as feridas dos meus joelhos, a pontada das minhas costas, esta rala que tenho na barriga ... Minha Nossa Senhora, salva-me ...

O ESCRITOR

(Aproximando-se dela.) Pare, senhora e escute. Vá ao teatro e aprenda. Tem esperança em quê ? Vá ao teatro e saiba que não há que ter esperança em coisa nenhuma.

A CAMPONESA

(Benzendo-se.) Vai-te tentação do porco-sujo ... artes do diabo !...

(Ilumina-se o palco todo, a distancias regulares há homens e mulheres rezando.)

CORO

Nossa Senhora de Fátima tu és a nossa esperança ...

Mãe Santissima tu és o nosso refúgio.

Dai-nos pão

Dai-nos casa.

CORO DE MULHERES

Trazei os ^{meus} nossos homens da guerra sãos e salvos.

CORO GERAL

Mãe de Deus, dai-nos a paz.

A CAMPONESA

(Estendendo os braços.) Dai-nos tudo que nos falta. És mãe, eu dou aos meus filhos tudo que tenho, eu também bato nos meus filhos, dá-nos alguma coisa e não nos batas sempre.

CORO

Temos os joelhos em sangue.

CORO DE MULHERES

Temos o ventre vazio de pão e de filhos.

CORO DE HOMENS

Os homens estão na guerra ...

CORO DE MULHERES

... Ou longe no estrangeiro.

A CAMPONESA

Mãe de misericórdia, tem misericórdia de nós !

O ESCRITOR

(*Numa fúria.*) Vocês estão doidos ! Ela é de gesso, não vêem ? Ela não tem piedade de Vocês.

CORO

(*Violento.*) Nossa Senhora de Fátima, tu és a nossa esperança.

(*Escuro total. Silêncio de instantes. Ilumina-se o Escritor.*)

O ESCRITOR

(*Ao público.*) Com que palavras hei-de eu dizer a esta gente que não tenha ~~uma~~ esperança na única coisa bela que a vida lhe deu ?

(*Debilmente, ilumina-se um retábulo doirado. ~~Fumaça~~^{nuvo} e cheiro de incenso. Orgão. Cantos ~~gargor~~^{gargor}ianos.*)

As casas são pocilgas, o amor é pegado, o pão é negro, duro e caro, a igreja é dourada, perfumada e quente.

CORO

Virgem santíssima tu és a nossa mãe. Mãe, tu és a nossa esperança.

O ESCRITOR

E eu estou longe, de roupão e pantufas, livre pensador e hoje escritor livre, incapaz de me ajoelhar no chão, de ter fé numa estátua, de dizer ...

CORO

Avé Maria cheia de graça ...